

## Memória e persuasão nas crônicas de Lya Luft escritas para a revista *Veja*<sup>1</sup>

### *Memory and Persuasion in the Chronicles of Lya Luft for *Veja* magazine*

Marialda de Jesus ALMEIDA<sup>2</sup>

#### **Resumo**

O presente trabalho busca, por meio de pesquisa bibliográfica, delinear as características de Memória e de Persuasão nas crônicas da autora Lya Luft, publicadas na revista *Veja* entre os anos de 2008 e 2011. Por meio de teorias de autores consagrados, como Fiorin, Bakhtin e Barthes, um estudo sobre os gêneros dos discursos, sobre a Semiótica Greimasiana, o nível discursivo do percurso gerativo do sentido encaminhou essa pesquisa a encontrar semelhanças, principalmente a persuasão, entre a retórica dos Sermões de Padre Antonio Vieira e as crônicas que são o *corpus* dessa pesquisa. A memória também deixa sua marca nas crônicas de Lya Luft, recurso que percorre da memória individual à coletiva, transportando as recordações pessoais da autora para o leitor, que faz dela a sua memória.

**Palavras-chave:** Memória. Narrativa. Crônica. Lya Luft. Revista *Veja*.

#### **Abstract**

The present work seeks, through a bibliographical research, to outline the characteristics of Memory and Persuasion in the chronicles of the author Lya Luft, published in *Veja* magazine between the years of 2008 and 2011. Through the theories of consecrated authors such as Fiorin, Bakhtin and Barthes, a study of the genres of discourses, Greimasian Semiotics, the discursive level of the generative path of meaning directed this research to find similarities, mainly persuasion, between the rhetoric of the Sermons of Father Antonio Vieira and the chronicles that are the Corpus of this research. Memory also makes its mark in the chronicles of Lya Luft, a resource that runs from individual to collective memory, carrying the personal memories of the author to the reader, who makes of it his memory.

**Keywords:** Memory. Narrative. Story. Lya Luft. *Veja* Magazine.

---

<sup>1</sup> Versão revisada e atualizada do trabalho apresentado Trabalho apresentado no GT 1 Jornalismo e Memória, Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura: Aproximações com Memória e História Oral, realizado na Universidade São Caetano do Sul, São Caetano do Sul – São Paulo, de 27 a 30 de abril de 2015.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Inovação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).  
E-mail: marialda.almeida@outlook.com.

## Introdução

Este artigo visa analisar os elementos de persuasão do enunciador e o recurso à memória utilizados por Lya Luft nas crônicas publicadas na Revista *Veja*, na coluna “Ponto de Vista”. Foi necessário decompor o tributo convencimento da linguagem em que o gênero crônica está contido, levando-se em consideração o lugar da enunciação do discurso: mídia impressa semanal, em que a publicação deste trabalho da cronista foi publicado quinzenalmente. Para isso também será necessário utilizar como base o percurso gerativo de sentido, proposto por Fiorin (1996; 1999; 2004), com proeminência aos eixos semânticos profundos eufóricos e disfóricos, assim como estabelecer um comparativo entre os Sermões do Padre Vieira com as crônicas já citadas, a partir dos princípios teóricos expostos por Bakhtin (1992) a respeito dos gêneros do discurso, objetivando a manipulação que o enunciador exerce sobre o enunciatário. E, por último, mostrar como a memória, como uma das operações da técnica retórica, aparece nas crônicas de Lya Luft e no sermão de Vieira.

Segundo Fiorin (1999, p. 52), a finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Assim, a argumentação consiste no conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário. O enunciador utiliza-se de certos procedimentos argumentativos com o objetivo de levar o enunciatário a admitir como certo e válido o sentido produzido.

Do mesmo modo, verifica-se que há diversas marcas dessa argumentação, que nos remete à retórica, nas crônicas de Lya Luft. Além dos mecanismos retóricos metafóricos e antonímicos - claros nesse gênero da autora - encontramos diversos recursos retóricos como a repetição de vocábulos que iniciam um argumento, uso excessivo de pontuação e a insistente participação da autora no texto, em que usa o pronome “nós” para inserir-se na sociedade que fala. Encontra-se, também, o recurso à memória como uma operação da técnica retórica.

É imprescindível lembrar que Lya Luft não expressa todas as classes sociais de uma só vez. Seu manifesto é definido e reiterado a cada coluna, pois, dessa forma, acentua um traço de caráter específico que a oradora deve mostrar ao seu público.

Assim, essa publicação é uma coluna assinada de conteúdo opinativo, como o próprio título “Ponto de Vista” propõe, em que o autor, subjetivamente, (por isso a coluna é assinada), com sinceridade e isenção, insere o leitor em uma reflexão a respeito da “realidade” expressa por um escritor que se alterna em sua autoria quinzenalmente. O veículo em que é publicada, revista *Veja*, obedece uma ordem e lugar fixo (normalmente entre as páginas 24 e 26), é a terceira sessão, logo após o editorial do veículo “Cartas ao Leitor” e a “Entrevista” em páginas amarelas.

A partir daí, cita-se o percurso gerativo de sentido, proposto por José Fiorin (1999), com evidência aos eixos semânticos profundos eufóricos e disfóricos. A escritora nos propõe, a cada crônica, uma realidade proeminente na atualidade em um tom de desabafo e denúncia, que se opõe, como que em contramão, com a linha editorial que forma a opinião da revista em que é publicada.

Para demonstrar de forma mais evidente a presença da persuasão nas crônicas de Lya Luft, foco desse artigo, serão contextualizadas as crônicas na história da literatura, e ainda, serão comparadas aos Sermões do Padre Vieira – baseados na retórica Antiga. Sabe-se que são gêneros e tempos diferentes (por isso serão situadas suas histórias), mas são estereotipados a partir de um enunciador que possui determinados enunciatários, e sempre possui uma temática que será desenvolvida com base em determinados recursos retóricos. É importante definir que serão seguidos aqui os princípios teóricos expostos por Bakhtin (1992), uma vez que a intenção é a descrição das características do gênero que é utilizado nesse trabalho como *corpus*, considera-se irrelevante apresentar diferentes posicionamentos acerca da questão da conceituação de gênero. Também serão utilizados alguns recursos persuasivos para demonstrar essa amostragem como metáfora, antonímia, repetições e inserções com função retórica nas comparações dos textos. A memória aparece, também, como um recurso retórico no momento em que a autora narra suas lembranças no intuito de aproximar o leitor de sua subjetividade e, assim, convencê-lo da veracidade de sua narrativa.

## **A crônica e o sermão**

A crônica não é um gênero definido e isso se deve à sua ambiguidade de classificação, ora classificada como um texto jornalístico e ora como estilo literário. (SA, 2005). No entanto, há de se considerar algumas características relevantes para a

sua constituição enquanto gênero discursivo. Uma vez que a crônica estabelece um elo entre o “tempo” e a “história”, pode-se afirmar que essa união foi a responsável pelo nascimento da crônica, um estilo despojado e aparentemente superficial devido à sua liberdade narrativa, que percebe e narra os fatos cotidianos, inscrevendo-os na nossa história.

O que caracteriza esse estilo, do ponto de vista linguístico, é o fato de que a crônica consiste de uma linguagem objetiva, concisa e despreocupada em relação ao uso de estruturas sintáticas complexas, prevalecendo, deste modo, o emprego da linguagem coloquial, que dá à narração uma tonalidade intimista e tão característica desse gênero, aproximando-a ao máximo da oralidade, atraindo, assim, a atenção do leitor para si. De acordo com Sá (2005, p. 10-11):

[...] há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a mágica da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata.

Esse recurso, utilizado para atrair a atenção do leitor, é o que garante o sucesso de uma crônica, pois, mais importante do que uma narrativa articulada é a maneira como o cronista se utiliza dos recursos estilísticos dos quais tem conhecimento, ou seja, a crônica para ser boa deve estar o mais próxima possível do universo linguístico a quem se destina.

A crônica pode ser considerada como um gênero literário que, a princípio, era, de acordo com Coutinho (1964), um "relato cronológico dos fatos sucedidos em qualquer lugar", isto é, uma narração de episódios históricos. Era a chamada "crônica histórica" (como a medieval). Essa relação de tempo e memória está relacionada com a própria origem grega da palavra, *Chronos*, que significa tempo. Portanto, a crônica, desde sua origem, é um "relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido" (ARRIGUCCI, 1987).

A crônica se afastou da História com o avanço da imprensa e do jornal. Tornou-se "Folhetim".

O folhetim fazia parte da estrutura dos jornais, era informativa e crítica. Aos poucos foi se afastando e se constituindo como gênero literário: a linguagem se tornou mais leve, mas com uma elaboração interna complexa, carregando a força da poesia e do humor.

As crônicas no jornalismo brasileiro, existindo em uma temporalidade criadora, narram as situações concretas do cotidiano a partir de sua recriação, ou seja, relatam poeticamente reinventando a partir dos fatos da vida real. Por ser um gênero jornalístico, a crônica trata sempre de questões que podem ser vividas e experimentadas por qualquer um de nós em nossa vida cotidiana, entretanto, por causa de sua narrativa poética, a crônica jornalística “ficcionaliza” a realidade e acaba por se aproximar da literatura, espaço tradicionalmente criador em termos de linguagens.

É importante ressaltar que do ponto de vista da Sociolinguística, a língua se manifesta de modo homogêneo em uma determinada comunidade de fala, em que os falantes que a constituem tanto possuem traços linguísticos capazes de os distinguirem de outros grupos quanto normas e comportamentos comuns pertinentes ao uso da linguagem. É o que afirma Daféria (1981 apud MELO, 2003, p. 162), ao descrever o motivo pelo qual as pessoas leem crônicas no jornal diário: “[...] porque a crônica nada mais é que as palavras que elas gostariam de ter escrito. [...] A crônica é aquele pedaço da imprensa onde se cultiva a sensação de que o mundo continua livre – como os pardais, as nuvens e os vagabundos”.

O Sermão é um texto em prosa, longo e dificilmente elaborado, tendo como meta a edificação religiosa e a propaganda. Esse tipo literário faz parte da oratória, isto é, a técnica ou arte de bem dizer, empreendendo os recursos verbais com o objetivo de ensinar, persuadir e comover. O bom orador necessita de conhecimento, recordação, sensibilidade, inteligência, voz, gestos e porte. A oratória pode ser acadêmica, judiciária, política e religiosa. O sermão ou prédica é expressão religiosa, também chamada perenética, cujo objetivo é debater os dogmas da religião com a meta de imprimi-los no ouvinte, comovendo e persuadindo. Entre os oradores famosos, podemos citar: Bossuet, Danton, Rui Barbosa, Padre Vieira, Cícero e Demóstenes. Geralmente o discurso oratório é caracterizado por apresentar as seguintes partes: a) exórdio ou princípio; b) desenvolvimento; c) peroração; d) conclusão ou epílogo.

O desenvolvimento descreve a parte central e crucial de um discurso, envolvendo a narração e a argumentação. Essa deve ter uma ou mais comprovações, isto é, argumentos baseados no raciocínio e no princípio da inferência. A argumentação fundamenta-se no silogismo [do grego, "conjunto"], que é a maneira mais correta de raciocínio, armazenando todos os pensamentos parciais coerentemente necessários.

A peroração deve ser concisa, sua meta é fazer uma retrospectiva, recorrendo para a emoção do ouvinte. Nessa parte do sermão, o padre deve exortar os fiéis a pôr o pensamento em prática.

Etimologicamente, a palavra sermão deriva do latim *sermone*, que quer dizer conversação. De acordo com Oliveira (1998), essa derivação remete a um aspecto importante na arte de pregar vieiriana: a sua natureza eminentemente retórica, pública, persuasiva. O discurso de Vieira, normalmente proferido do púlpito, a partir do texto bíblico, pretende conter a verdade de uma tradição compartilhada. Exemplo de sedução e argumentação, de um árduo e incessante trabalho com a linguagem, o sermão - veículo dotado de regras próprias, com reconhecida tradição - dirige-se a um auditório particular, numa circunstância conjuntural precisa, em determinada situação.

É importante notar que, num primeiro nível de leitura, o discurso de Vieira parece ser, na maioria das vezes, monológico. Tem-se a impressão de que, mesmo quando ele faz perguntas ao público, são perguntas retóricas, vazias.

A existência do auditório toma-se, então, de fundamental importância. Diversas vezes, ele pode até funcionar como uma espécie de personagem, como é o caso do "Sermão de Santo António ou dos peixes". Esse sermão toma-se, então, uma prática interacional, cuja pregação está longe de ser uma mera manifestação das técnicas ou habilidades da locução ou uma exibição simplesmente espetacular. Ou melhor: ele demanda, ainda, diferentes atores que interagirão em determinada situação; daí ele se caracterizar por possuir uma especificidade não apenas porque se distingue de outros tantos gêneros, mas porque tem virtualidades que singularizarão cada pregação, tais como local, voz do pregador, momento da enunciação, etc.

Quanto mais bem articulado o discurso, maior o seu alcance: o vínculo estabelecido entre palavra e ação, a ideia de que um discurso bem organizado garante sua eficácia, propõe a noção de projeto. O projeto é, com efeito, uma construção verbal

que precede a realização. A conformidade do projeto com as normas do discurso prefigura a conformidade da ação com a realidade - condição de sucesso do sermão.

## **Persuasão nas crônicas de Lya Luft**

Entender o uso da língua como um procedimento com variadas, heterogêneas e múltiplas formas de concretização é essencial para o entendimento o ponto de partida sugerido por Bakhtin (1992) para conceituar gênero do discurso. Para o autor, o ser humano em quaisquer de suas atividades, vai servir-se da língua e a partir do interesse, intencionalidade e finalidade específicos de cada atividade, os enunciados linguísticos se realizarão de maneiras diversas. A essas diversas formas de encontro dos enunciados, o autor nomeia gêneros do discurso, já que “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. (BAKHTIN, 1992, p. 277)

Um dos aspectos mais marcantes dos gêneros, que alude de forma direta à questão do “uso” é o fato de que se deve considerar o gênero como um meio social de produção e de recepção do discurso. Para classificar determinado enunciado como pertencente a dado gênero, é necessário que se verifique suas condições de produção, circulação e recepção. E, ainda, é de extrema relevância observar que o gênero, como fenômeno social que é, só existe em determinada situação comunicativa e sócio-histórica. Caso tais condições sejam modificadas, é possível que um mesmo enunciado passe a pertencer a outro gênero.

Bakhtin (1992), então, com sua proposta de conceituação para os gêneros do discurso, veio suprir a necessidade de se compreender os enunciados como fenômenos sociais, resultantes da atividade humana, caracterizados por uma estrutura pilar básica, suscetível a determinadas modificações. Um gênero do discurso é parte de um repertório de formas disponíveis no movimento de linguagem e comunicação de uma sociedade. Desse modo, só existe relacionado à sociedade que o utiliza.

Assim, os gêneros apresentados nesta pesquisa, apesar de terem a forma de prosa, podem ser tratados por discurso pela maneira com que os autores “conversam” com seus leitores (ouvintes), insistindo em introduzirem-se como um ouvinte em suas falas. Por meio de um “nós” discursivo, Lya se encontra com o enunciatário, que possui lugar social fixo na classe-média (e alta) nacional, tornando-se conivente a cada leitor

com a indignação em que discursa a respeito das mazelas brasileiras, embora essa indignação seja estabelecida e enunciada por ela mesma. Padre Vieira também se utiliza desse recurso, que são chamados de inserções com funções retóricas.

As inserções são produzidas com o propósito comunicativo, ou seja, elas possuem grande importância dentro do discurso oral, pois auxiliam a interação entre locutor e interlocutor, tornando-a mais compreensível e satisfatória.

Diante disso, observa-se que as inserções são uma marca da fala, uma vez que sua relevância está justamente na melhoria do discurso face a face, isto é, no discurso falado, já que esse é formulado no momento de sua realização. A importância está relacionada com a interação entre o falante e seus ouvintes.

Com o intuito de persuasão, de chamar a atenção dos seus ouvintes, o falante faz uso de inserções retóricas, encontradas em forma de perguntas retóricas ou de enunciados que exprimem uma opinião do mesmo.

Dentro da nossa fantasia, ou potência imaginativa, que reside no cérebro, estão guardadas, como em tesouro secreto, as imagens de todas as coisas que nos entraram pelos sentidos, a que os filósofos chamam espécies. E assim como nós das letras ABC, que são somente vinte e duas, trocando-as e ajuntando-as variamente, escrevemos e damos a entender o que queremos, assim o demônio, daquelas espécies, que são infinitas, ordenando-as como mais lhe serve, pinta e representa interiormente à nossa imaginação o que mais pode inclinar, afeiçoar e atrair o apetite. E deste modo mudamente nos tenta, mudamente nos persuade, e mudamente nos engana (VIEIRA, 1993, p. 1163)

A maior parte de nós nasce e morre sem pensar em nenhuma das questões de que falei acima, ou sem jamais ouvir falar nelas. Questionar dá trabalho, é sem graça, e não adianta nada, pensamos. Tudo parece se resumir em nascer, trabalhar, arcar com dívidas financeiras e emocionais, lutar para se enquadrar em modelos absurdos que nos são impostos. Às vezes, pode-se produzir algo de positivo, como uma lavoura, uma família, uma refeição, um negócio honesto, uma cura, um bem para a comunidade, um gesto amigo. (“Trilha de Contradições”, Lya Luft - Edição 2119 1º de julho de 2009 – Veja)

Apesar das grandes diferenças existentes entre os gêneros Crônica e Sermão – a principal delas à época de suas composições – a proposta fundamental desse trabalho é estabelecer um comparativo entre os dois tipos de narrativa tendo como objetivo comprovar a manipulação que o enunciador exerce sobre o enunciatário.

Outra metodologia seguida é um estudo de José Fiorin (1999) que diz que conforme a Semiótica Greimasiana, todo texto tem uma extensão de narratividade, baseado num percurso gerativo de sentido, que se forma por meio de três níveis: 1) o nível fundamental, em que se examinam, numa aversão de base, classes tónicas impregnadas de valores: euforia (valor positivo) e disforia (valor negativo); 2) o nível narrativo, período em que acontecem as alterações de estado do Sujeito da enunciação e 3) o nível discursivo, em que os assuntos presentes no nível fundamental são cobertos por figuras, imputando o acesso às representações sociais presentes nos textos. No intuito de não tornar a análise exaustiva, proceder-se-á, de forma sintética, apenas a título de ilustração da teoria, o percurso gerativo de sentido, no tocante às camadas fundamental e narrativa. A análise será enfatizada na camada discursiva, nos aspectos que considerados mais significativos: a questão das representações, principalmente, na sua dimensão retórica.

Principiando na noção saussureana de signo, Discini (2007, p. 1-2) discorre sobre a função semiótica do texto:

[...] entre a união de significante e significado, este veiculado por aquele, o signo sustenta a concepção de texto como materialização de determinada unidade de sentido. Independentemente da extensão, o texto é um signo. A função semiótica, identificada na relação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, este equivalente ao significado e aquele ao significante, permite que se pense no plano do conteúdo como um processo de geração do sentido concernente à imanência textual.

Tanto do plano do conteúdo como do plano da expressão, deduz-se uma rede interna de relações: a forma. Correlativo ao plano do conteúdo, a forma diz respeito a relações categoriais, causa e consequência da classificação das coisas do mundo feita pelo homem: o belo versus o feio; o bom versus o ruim, e assim por diante. Se tais conceitos, construídos segundo determinado ponto de vista, organizam-se não aleatoriamente na sociedade e nos textos, deduz-se que eles orientam nos próprios textos o efeito de individualidade ou de um sujeito representante de determinado sistema de atrações e repulsões. Temos, pois, depreensível do texto, a imagem do ator da enunciação como presença no mundo.

Antes do conteúdo e discorrida como circuito interno das relações hierárquicas, constitui-se a forma, que sugere e desvia concepções ideológicas, isto é, preceitos de crenças, aspirações e ideais que, enraizados na sociedade, remetem a perspectivas distintas, consolidadas por meio de diferentes discursos. De distintos níveis de

efetivação das ideias articuladas, conforme a coordenação de um princípio de consolidação de valores, derivarão os temas e as figuras. Dessa forma, se discursam analogias do sentido lançadas ainda absortamente num nível estimado como inveterado.

Nesse nível, certo encaminhamento axiológico entendido como timia fundamental produz valores aos valores postos em relação e ainda não comparados em conexão com um sujeito. São os valores analisados no seu alto grau de abstração e generalidade. Tais valores são observados de acordo com relações de contrariedade, contraditoriedade e complementaridade. A contraditoriedade supõe negação entre termos; a complementaridade, afirmação; e, na verdade, o primeiro movimento a ser considerado, a contrariedade, supõe uma oposição e uma pressuposição recíproca entre os termos. Tais valores são representados num quadrado semiótico. (DISCINI, 2007, p. 2).

Consecutivamente, um valor semântico é impresso a essas relações principais, por meio da classe tímica, relacionada ao desvio bipartido em disforia e euforia. Essa classe remete à avaliação eufórica ou disfórica dos valores colocados em relação. A euforia exhibe valores considerados em harmonia, em acordo com determinado universo do sentido. Com a disforia ocorre o oposto. O ambiente tímico norteia o investimento feito sobre a dêixis de valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico). Cada uma delas obedece ao eixo da complementaridade dos valores postos em relação. Assim abordada semanticamente, tanto a dêixis positiva como a negativa compõem, cada qual, uma forma de projeção do sistema de atrações e repulsões equivalente a um sujeito ainda não antropomorfizado. Esse sujeito obedece à orientação seguida pelo sentido desde o nível profundo de sua geração. Com apoio em Greimas (1983, p. 95), é possível verificar que o espaço tímico se amplia por meio de “um termo sêmico, selecionado no interior do quadrado semiótico”. Verifica-se ainda que essa seleção convidar-se-á para prover de um “excedente de sentido” a afinidade que vincula o sujeito e o objeto.

A seguir estão destacadas partes dos textos de Padre Vieira e temas das crônicas de Lya Luft que elucidam a teoria disfórica/eufórica:

Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. No Evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos, nasceu, mas afogaram-no: *Simul exortae spinae suffocaverunt illud*. O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se: *Et natum aruit*. O trigo que caiu na terra boa, nasceu e frutificou com grande multiplicação: *Et natum fecit fructum centuplum*. De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e frutificou; o trigo que caiu na má

terra, não frutificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão funda, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus ainda que não faça fruto, faz efeito; lançada nos espinhos, não frutificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras, não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus, são as pedras e os espinhos (VIEIRA, 1655).

“Do horror brota a grandeza” (10/12/2008)

“Internet o bem e o mal” (22/04/2009)

“Os vivos e os mortos” (17/06/2009)

*(Temas de crônicas de Lya Luft)*

## **Memória nas crônicas de Lya Luft**

Há outros meios que também são utilizados para ilustrar a persuasão nas crônicas da Lya Luft publicadas na revista *Veja*, como recurso a memória. Segundo Barthes (2001, p. 49), a técnica retórica compreende cinco operações principais, sendo a última a memória. Essas operações não são elementos retóricos de uma estrutura, mas atos de uma estruturação progressiva, que, no caso, refere-se ao ato de recorrer à memória para compor a estruturação progressiva da narrativa.

Na crônica "Deixem em paz a nossa língua" publicada em 11 de maio de 2011, na edição n.º 2216 da revista *Veja*, Lya Luft, também, faz uso do recurso narrativo de sua memória, para convencer seu leitor de que ela sabe do que está falando e, assim, garantir veracidade de seu discurso.

Nasci com essa paixão, esse encantamento pelas palavras. Quando pequena, repetia para mim mesma as que achava mais bonitas: pareciam caramelos na minha boca. Colecionava mentalmente as mais doces, como translúcido, magnólia, borbulha, libélula, e não sei quais outras. Lembro que por um tempo detestei meu nome curtinho e sem graça: pedia a minha mãe que o trocasse por algo belo como Gardênia, Magnólia, Virgínia. Açucena me fascinou quando o li no meu livro de texto no 1º ano da escola, e quis me chamar assim. Mas eu queria muitas coisas impossíveis. Como lia muito (minha cama era embutida em prateleiras onde, em horas de insônia, bastava estender a mão e ter a companhia de um livro), a linguagem cedo fez parte da minha vida como as ficções. Eu lia o que me caía nas mãos, desde gibis até complicados volumes que eu não entendia mas pegava na biblioteca de meu pai, e lia achando impressionante ou bonito, misterioso ou triste.

Comecei a trabalhar com a nossa língua bastante cedo, traduzindo obras literárias do inglês e do alemão. Mais ou menos nessa época, início dos 20 anos, passei a escrever crônica de jornal, e poemas avulsos, que aos poucos foram sendo publicados em livros, até finalmente iniciar uma carreira de ficcionista já beirando os 40 anos.

Antes disso fiz mestrado em linguística, e fui professora dessa matéria em uma faculdade particular durante dez anos.

A autora usa o recurso da memória subjetiva para convencer seu auditório de que não desconhece o assunto que será tratado: ler e escrever. Esse recurso retórico visa persuadir o leitor de que essas ações, ler e escrever, são naturais a ela desde a infância e de que, por sua formação acadêmica, conhece, além de todos os recursos de retórica já apresentados nesse trabalho, a necessidade da memória escrita.

E, afora a memória escrita, verifica-se ainda que a crônica também foi descrita como o lugar da memória e escrita do tempo, é o que se confere no trecho de Neves (1992, p. 78-92):

Ao reinventar o cotidiano essas narrativas [as crônicas] podem ser consideradas como lugares da memória, no sentido da expressão forçada por Pierre Nora [em *Les lieux de la mémoire*, obra publicada sob sua direção entre 1984 e 1992]. [...] A crônica, pela própria etimologia – *chronus*/crônica –, é um gênero colado ao tempo. [...] De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo.

Se o autor moderno considera-se na trivial qualidade de ter conhecimento de sua finitude, de sua fragilidade, provavelmente a escrita de memórias pessoais será afetada, e, aparentemente, isso aflige o cronista. A memória da força dá lugar à força da memória.

Conforme demonstrou Maurice Halbwachs, não se pode distanciar a memória individual das memórias coletivas – o indivíduo isoladamente não tem controle sobre o resgate do passado (Cf. ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 97). Para Jean Duvignaud, em prefácio à obra *A memória coletiva*, de Halbwachs, —A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados! (DUVIGNAUD. In: HALBWACHS, 1990, p. 14). (NEVES, 1992, p. 78-92).

A condição humana (de finitude) iguala autor e leitor, ocasionando um sentimento de empatia – e isso é o caracteriza, também, a aproximação linguística desse gênero. Dessa forma, é provável refletir que, quando discursa sobre suas memórias pessoais, o cronista também alude, tacitamente, às memórias coletivas.

A memória individual —não está inteiramente isolada e fechada, aponta Maurice Halbwachs, pois um homem, ao evocar seu passado, —tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros (HALBWACHS, 1990, p. 54). Ao fazer uso da alteridade, o homem, escrevendo suas recordações, estaria provando da força que tem a memória de inseri-lo em uma determinada comunidade e poder —pintar ao outro quando —pinta a si mesmo. (NEVES, 1992, p. 78-92).

Por fim, no gênero literário crônica a memória também possui uma função social, que é não permitir que se perca algo na história, no tempo. “Ao alimentar a história, a memória procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 1992, p. 471).

No início de seus Sermões, Vieira se dirige diretamente ao seu leitor e faz referência à narrativa e a memória: "Da folha que fica atrás, se a leste, haverás entendido a primeira razão, ou obrigação, por que começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda ressuscitados, são cadáveres". Sem a narrativa que dá voz aos Sermões, a memória é morta e sepultada. A função da narrativa é ressuscitar a memória. Em seguida usa outra metáfora para falar da memória:

Por fim, não te quero empenhar com a promessa de outras obras, porque, se bem entre o pó das minhas memórias, ou dos meus esquecimentos, se acham, como na oficina de Vulcano, muitas peças meio forjadas, nem elas se podem já bater por falta de forças, e muito menos aperfeiçoar e polir, por estar embotada a lima com o gosto; e gastada como tempo.

Nesse sentido, Vieira faz menção à memória como fonte de sua narrativa. É da memória que o autor retira a substância de seus sermões.

## Considerações finais

Sendo a finalidade da comunicação não apenas informar, mas também persuadir, é possível concluir que o recurso de convencimento é perceptível nas crônicas da autora Lya Luft, *corpus* desse trabalho, em que as formações discursivas possuem características similares às dos Sermões do Padre Antonio Vieira, tais como: narração, argumentação, inserções retóricas, classes tímicas (euforia e disforia), figuras de linguagem (repetição), atributos de narração e descrição que fazem desses gêneros

distintos e únicos na linguagem. Ainda foi possível nesse trabalho identificar a memória como característica discursiva nas crônicas de Lya Luft, recurso muito bem utilizado pela autora, que faz de uma memória subjetiva a sua própria memória (memórias individual), que, ao entrar em contato com o leitor, em uma espécie de miscigenação, torna-se memória coletiva, em que a recordação da autora remete às memórias/recordações do leitor. O recurso de memória, ainda, desempenha uma função social na história escrita, em que nada deve ser perdido no tempo, tudo pode ser registrado, ainda que impregnado da beleza literária que a crônica contém.

## Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, p. 95-111, dez. 2007. Disponível em: Acesso em: 13 jul. 2014.

ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos Sobre a Crônica. Folhetin da **Folha de São Paulo**, de 01/05/ 1987, n. 534, 1987. p. 6-9.

BAKHTIN, Michail. **Estética da Criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes [1979]. 1992.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo – Brasília: Hucitec, Editora UnB, 2008.

BARONAS, Roberto Leiser. **Bakhtin, Foucault e Pêcheux na Análise de Discurso: problema sociológico ou epistemológico?** Estudos Linguísticos XXXV, p. 156-165, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/rlb.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo Martins Fontes, 2001.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 45. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. **Sob o signo de relógios em discrepância: um estudo da série de crônicas —Bons dias!, de Machado de Assis**. 2010. 50 f. Monografia (Graduação em Letras – Português) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2010. Disponível em: < [http://www.academia.edu/2540678/Sob\\_o\\_signo\\_de\\_rel%C3%B3gios\\_em\\_discrep%C3%A2ncia\\_um\\_estudo\\_da\\_s%C3%A9rie\\_de\\_cr%C3%B4nicas\\_Bons\\_dias\\_de\\_Machado\\_de\\_Assis](http://www.academia.edu/2540678/Sob_o_signo_de_rel%C3%B3gios_em_discrep%C3%A2ncia_um_estudo_da_s%C3%A9rie_de_cr%C3%B4nicas_Bons_dias_de_Machado_de_Assis) >. Acesso em: 13 dez. 2014.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. v. 3. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.

DISCINI, Norma. Breve Olhar sobre Bandeira. **Todas as Letras J**, volume 9, n.1, 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/652/583>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. *In*: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. p. 9-17.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. A linguagem em uso. *In*: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I**. Objetos Teóricos. São Paulo. Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva. **DELTA**, vol.15, n.1 São Paulo Feb./July 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_ar\\_text&pid=S0102-44501999000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ar_text&pid=S0102-44501999000100009)>. Acesso em: 16 dez. 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Loyola, 1996.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II*. Paris: Seuil, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. de Bernardo Leitão et al. 2. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1992. (Coleção Repertórios). Disponível em: <<http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/História-e-Memória.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

LUFT, Lya. Uma panela de água e sal. **Revista Veja**. Edição 2088 de 26 de novembro de 2008. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/261108/p\\_024.shtml](http://veja.abril.com.br/261108/p_024.shtml)>. Acesso em: 02 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Trilha de Contradições. **Revista Veja**. Edição 2119 de 1º de julho de 2009. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/010709/p\\_026.shtml](http://veja.abril.com.br/010709/p_026.shtml)>. Acesso em: 02 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Do horror brota a grandeza. **Revista Veja**. Edição 2090 de 10 de dezembro de 2008. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/101208/p\\_024.shtml](http://veja.abril.com.br/101208/p_024.shtml)>. Acesso em: 02 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Internet o bem e o mal. **Revista Veja**. Edição 2109 de 21 de abril de 2009. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/220409/p\\_026.shtml](http://veja.abril.com.br/220409/p_026.shtml)>. Acesso em: 02 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Os vivos e os mortos. **Revista Veja**. Edição 2117 de 17 de junho de 2009. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/170609/p\\_022.shtml](http://veja.abril.com.br/170609/p_022.shtml)>. Acesso em: 02 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. Deixem em paz a nossa língua. **Revista Veja**. Edição 2216 de 11 de maio de 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.  
OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. Antônio Vieira: A Palavra Empenhada. **Boletim do CESP**, São Paulo, v. 18, n. 22 – jan./jun. 1998. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/viewFile/6371/5397>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas machadianas. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

VIEIRA, A. **Sermões**. (Alves, G. revisor). Vol. 02. Porto: Lello e irmão Editores. 1993. (original de 1679-1748).

\_\_\_\_\_. (2010) Antonio Vieira. **Índice das coisas mais notáveis**. (Pecora, Alcir: Organizador). São Paulo: Hedra. (original de 1679).

\_\_\_\_\_. **Sermões**. Prefácio e revisão de Gonçalo Alves. Porto: Lello & Irmão, 1907.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas**. Prefácio e notas de Hernani Cidade e Antônio Sérgio. Lisboa: Seara, 1936.

\_\_\_\_\_. **Sermão da Primeira Domingo do Advento** (1655). Texto-fonte: Sermões, col. Obras Imortais da Nossa Literatura, Editora Três, Rio de Janeiro, 1974. Edição eletrônica: Karina Beatriz Espíndola. Disponível em: <<http://www.florestadigital.ac.gov.br/wps/wcm/connect/b458ed8047a5010e904adba9026587b1/Pe.+Antonio+Vieira+-+Sermao+da+Primeira+Dominga+do+Advento+%281655%29.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=b458ed8047a5010e904adba9026587b1>>. Acesso em: 02 nov. 2014.